

BÁRBARA VITÓRIA DE OLIVEIRA XAVIER

**O RAP COMO DISPOSITIVO DE FORTALECIMENTO IDENTITÁRIO NA
JUVENTUDE PERIFÉRICA**

BÁRBARA VITÓRIA DE OLIVEIRA XAVIER

**O RAP COMO DISPOSITIVO DE FORTALECIMENTO IDENTITÁRIO NA
JUVENTUDE PERIFÉRICA**

Artigo apresentado como requisito para a avaliação no componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso II, no curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Ilhéus (CESUPI).

Orientador/a: Prof. Dr. Murilo Cesar da Silva Silva.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: O rap como dispositivo de fortalecimento identitário na juventude periférica

Discente: Bárbara Vitória de Oliveira Xavier

Data da aprovação: 15/06/2026

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
MURILLO CESAR DA SILVA SILVA
Data: 15/06/2026 16:19:40-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

(Orientador/a)



Documento assinado digitalmente
VALTER MANOEL DA SILVA JUNIOR
Data: 15/06/2026 16:29:17-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

(Examinador/a I)



Documento assinado digitalmente
LAHIRI LOURENCO ARGOLLO
Data: 15/06/2026 17:52:57-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

(Examinador/a II)

O RAP COMO DISPOSITIVO DE FORTALECIMENTO IDENTITÁRIO NA JUVENTUDE PERIFÉRICA

Bárbara Vitória de Oliveira Xavier^{1*}
Murillo Cesar da Silva Silva^{2**}

RESUMO

O ensaio aborda a construção da identidade juvenil em vulnerabilidade social, destacando o Rap como ferramenta de resistência e pertencimento. A investigação parte do problema sobre como as narrativas do Rap constroem esses processos diante dos estigmas associados às periferias. O objetivo busca analisar como canções de Emicida e da banda ilheense OQuadro constroem pertencimento e resistência. Justifica-se o trabalho pela necessidade de compreender produções culturais como subsídios simbólicos para a ressignificação de trajetórias juvenis marcadas pelo sofrimento ético-político. A fundamentação teórica articula a teoria da identidade-metamorfose de Ciampa (2005), o conceito de sofrimento ético-político de Sawaia (2001), a mediação simbólica de Vygotsky (2007) e as crises de identidade em Erikson (1976) e Hall (2003; 2006). Metodologicamente, trata-se de pesquisa qualitativa e documental, utilizando a Análise de Conteúdo Temática de Bardin (2016) para examinar as letras "Levanta e Anda" e "AmarElo" (Emicida), e "Evolui" e "Asas" (OQuadro). A discussão destaca o Rap como dispositivo de subjetivação ativa e mediação entre o eu e o coletivo, permitindo ao jovem transitar de uma identidade prescrita para uma identidade anunciada e autoral. Conclui-se que a rima fortalece a agência e a autoestima, transformando território e ancestralidade em suportes de resiliência e emancipação política.

Palavras-chave: Rap. Emicida. OQuadro

1 INTRODUÇÃO

O presente ensaio aborda a construção da identidade juvenil em contextos de vulnerabilidade social, cujo foco central é o papel do Rap enquanto ferramenta de resistência, pertencimento e negociação simbólica. A temática orienta-se pela compreensão de que a juventude é uma produção histórica e social atravessada por marcadores de classe, raça e território. Nesse cenário, investiga-se como as produções culturais oferecem subsídios simbólicos para a formação da identidade, entendida aqui não como um dado imutável, mas como uma metamorfose contínua que permite ao jovem ressignificar sua trajetória.

A problemática que norteia esta investigação surge da constatação de que a vulnerabilidade social impõe ao jovem um estado de alerta constante, gerando um sofrimento ético-político que fragmenta a identidade. Diante dos estigmas associados às periferias, questiona-se: como as narrativas presentes no Rap constroem pertencimento e resistência em contextos de vulnerabilidade? Como objetivo geral,

^{1*} Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Ilhéus. E-mail: barbaravitoriaox@gmail.com

^{2**} Doutor em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Professor do Curso de Psicologia da Faculdade de Ilhéus. E-mail: murillocds2@yahoo.com.br

busca-se analisar como canções de Emicida e OQuadro constroem pertencimento e resistência, evidenciando as negociações simbólicas que emergem na interface com o mercado fonográfico. Para tanto, delinearam-se os seguintes objetivos específicos: discutir a identidade sob a perspectiva psicossocial e o impacto da vulnerabilidade na juventude; identificar elementos discursivos que constroem pertencimento coletivo; e analisar a afirmação identitária (racial e periférica) nas letras selecionadas. Quanto à metodologia, o trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, documental e analítico-interpretativa. O método envolveu o levantamento bibliográfico e a análise de conteúdo temático, na perspectiva de Bardin (2016), das letras de Emicida, e da banda ilheense OQuadro.

O corpus teórico articula autores como Erikson (1976) e Hall (2003; 2006) para discutir as crises da identidade, enquanto Vygotsky (2007) fornece o conceito de mediação simbólica. A teoria da identidade-metamorfose de Ciampa (2005) e a noção de sofrimento ético-político de Sawaia (2001) são pilares para a análise da transformação do sujeito. Além dos autores supramencionados, incorporaram-se as reflexões de Djamila Ribeiro (2017) sobre o lugar de fala e de Paulo Freire (2005) sobre a conscientização, legitimando o Rap como uma práxis política que transcende o universo estrito da Psicologia.

Este ensaio está estruturado em seções. A primeira apresenta uma breve apresentação geral do trabalho; a segunda, os procedimentos metodológicos. Na terceira seção, discute-se o rap como um rico campo de reflexão epistemológica, a partir da relação entre juventude e vulnerabilidade no cenário sociopolítico brasileiro. Essa reflexão emerge da análise de versos de algumas canções dos artistas já mencionados anteriormente em diálogo com teóricos com trabalhos publicados sobre a temática em questão. Por fim, as considerações finais, que refletem sobre a potência do Rap como instrumento de emancipação e negociação cultural.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente investigação caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, com enfoque exploratório-descritivo. Segundo Minayo (2014), a abordagem qualitativa é a que melhor se aplica a estudos que buscam compreender o universo de significados, valores e atitudes, fundamental para a análise da subjetividade e dos processos de subjetivação no Rap. Quanto ao delineamento, o estudo constitui-se

como uma pesquisa documental e bibliográfica, em que esta forneceu o suporte teórico para a compreensão dos conceitos de identidade e de sofrimento ético-político, enquanto a pesquisa documental incidiu sobre as letras das canções, tratadas como fontes primárias de dados que registram a realidade sociocultural de seus autores.

O material de análise foi selecionado de forma intencional, priorizando obras que apresentam densidade crítica para o debate sobre saúde mental e fortalecimento identitário. Assim, a amostra é composta pelas seguintes produções: 1) Emicida: análise das faixas "Levanta e Anda", do álbum O Glorioso Retorno de Quem Nunca Esteve Aqui, e "AmarElo", do álbum AmarElo, selecionadas pela centralidade com que abordam a resiliência e o cuidado com a subjetividade negra. 2) Banda OQuadro: análise das músicas "Evolui", do álbum OQuadro, e "Asas", do álbum Preto Sem Açúcar, escolhidas pela profundidade poética ao tratar das metamorfoses da identidade e dos processos de resistência.

O critério de seleção baseou-se na capacidade dessas obras de operar como campos de negociação de identidade e na relevância de suas rimas para a discussão sobre vulnerabilidade social e afirmação racial. Vale destacar, ainda, que as letras foram obtidas por meio do portal Letras.mus.br. Para o tratamento dos dados, utiliza-se a Análise de Conteúdo Temática, conforme Laurence Bardin (2016), estruturada nas seguintes etapas: 1) Leitura flutuante, que consiste no contato inicial com as letras e audição das faixas para apreensão das narrativas; 2) Codificação aberta, cuja finalidade é a identificação de unidades de sentido nas letras; 3) Agrupamento em categorias temáticas, ou seja, a organização dos dados em torno dos eixos de resistência e pertencimento; 4) Interpretação articulada, a partir da qual se estabelece o confronto entre os achados das letras e o referencial teórico (Vygotsky, Ciampa, Sawaia). A pesquisa pauta-se pela transparência na categorização e pela fundamentação teórica consistente, buscando, portanto, uma articulação equilibrada entre os dados empíricos (letras) e a teoria psicossocial, garantindo o crédito ético às produções culturais analisadas.

3 O RAP COMO ESPAÇO DE REFLEXÃO EPISTEMOLÓGICA

3.1 Identidade como processo psicossocial

A noção de identidade, amplamente discutida no campo da Psicologia, parte da compreensão de que a identidade não deve ser considerada como um elemento fixo

ou imutável, mas como um processo dinâmico e relacional, construído na interação entre o indivíduo e o meio social. Partindo dessa perspectiva, Papalia, Olds e Feldman (2006) destacam que ela se transforma ao longo do ciclo vital e é continuamente influenciada por experiências, vínculos e contextos culturais. Dessa forma, a identidade não é uma essência, mas um processo de negociação constante entre o eu e o outro, entre o individual e o coletivo.

Erik Erikson (1976), ao abordar a formação da identidade na juventude, ressalta que sua constituição ocorre a partir da tensão entre continuidade e mudança. Para o autor, a identidade é o resultado da integração entre as experiências pessoais e as demandas sociais, configurando-se como um sentimento de coerência e pertencimento. Esse processo é intensificado na juventude, já que constitui o momento em que o sujeito busca definir quem é, projetar o futuro e reconciliar os papéis sociais com a própria história. Assim, a construção identitária não se dá de forma isolada, mas é atravessada por fatores culturais, sociais e históricos.

Se, por um lado, Erikson defende que a busca é pela coerência, por outro, Stuart Hall (2006) propõe uma visão mais fragmentada, compreendendo a identidade como um ponto de sutura, um entrecruzamento entre discursos, práticas e posições sociais. O autor critica as concepções essencialistas, argumentando que a identidade é um processo inacabado, marcado pela diferença e pela historicidade. Nesse sentido, falar em identidade é falar em transformação e em disputa de sentidos, o que se torna especialmente relevante quando se trata de jovens inseridos em contextos de vulnerabilidade social.

Para compreender a identidade como processo psicossocial, é imprescindível considerar a relação dialética entre subjetividade e objetividade. No que diz respeito a essa relação, Ciampa (2005) propõe que a identidade é uma 'metamorfose', um movimento contínuo de vir-a-ser que se dá por meio da atividade humana. Nesse sentido, a subjetividade não é um espaço isolado, mas é forjada no reconhecimento ou na negação proveniente do outro, processo que proporciona ao jovem, quando acessa o universo do Rap, encontrar novos espelhos sociais que permitem a transição de uma identidade 'prescrita' (aquela que a sociedade impõe) para uma identidade 'anunciada', em que o sujeito retoma a autoria sobre sua própria história.

A partir de Stuart Hall (2003), é possível compreender o rap como uma prática cultural situada em processos de mediação e diáspora, nos quais identidades são constantemente reconstruídas a partir de experiências de deslocamento, exclusão

e resistência. Assim, o gênero musical em questão não apenas expressa identidades já dadas, mas também participa ativamente de sua produção e promove a articulação de elementos culturais diversos, tensionando fronteiras entre centro e periferia, visibilidade e marginalização.

O rap se configura, portanto, como um importante meio de construção da identidade cultural, especialmente entre jovens inseridos em contextos periféricos, conforme evidencia Dutra (2006). Segundo a autora, por meio das letras e performances, os sujeitos elaboram suas experiências sociais e produzem narrativas que afirmam pertencimento, resistência e reconhecimento, atuando ativamente na produção de sentidos e na consolidação de identidades coletivas.

O sentimento de pertencimento funciona como um pilar estruturante na formação identitária, oferecendo ao indivíduo os marcos simbólicos necessários para sua localização no mundo. Segundo Bock (2001), a identidade se constitui na medida em que o sujeito se reconhece em grupos que compartilham valores, linguagens e vivências similares. No contexto do Rap, esse pertencimento coletivo oferece uma base de segurança ontológica: ao se identificar com a lírica e a estética do movimento, o jovem deixa de ser um indivíduo isolado em sua vulnerabilidade para se tornar parte de uma coletividade política e cultural, o que fortalece sua autoestima e seu senso de agência.

A música “Levanta e Anda”, de Emicida, exemplifica como esse suporte grupal se converte em senso de agência e resiliência. Ao rimar “Quem costuma vir de onde eu sou / Às vezes não tem motivos pra seguir / Então levanta e anda” (Emicida, 2013, faixa 10), o rapper valida a dor e o desalento comuns a essa origem compartilhada, mas utiliza, na construção discursiva, o modo imperativo “levanta e anda” como um chamado à ação. Esse verso funciona como um reforço do pertencimento e, simultaneamente, como um impulsionador da subjetividade, transformando o cenário de vulnerabilidade em um ponto de partida para a construção de novos caminhos.

A influência social na construção do eu também pode ser compreendida por meio da mediação simbólica e, na perspectiva de Vygotsky (2007), as funções psicológicas superiores são mediadas por instrumentos e signos culturalmente construídos. O Rap, enquanto signo linguístico e cultural, promove a mediação entre o indivíduo e a sociedade, permitindo que o jovem processe internamente as contradições do meio externo. Assim, a rima e o ritmo não devem ser vistos apenas como entretenimento, mas sobretudo como ferramentas cognitivas e afetivas as quais

auxiliam o sujeito a organizar sua percepção sobre si mesmo e sobre o mundo ao seu redor.

Como mediador entre subjetividade e coletividade, o Rap permite, portanto, que o jovem transforme a dor da exclusão em discurso de resistência. Ao se apropriar da palavra, o sujeito periférico reconfigura as fronteiras do pertencimento, tornando-se protagonista da própria narrativa. Essa dinâmica faz do RAP não apenas uma prática cultural, mas também um dispositivo de construção identitária, em que se entrelaçam memória, emoção e crítica social (Bessa; Paula, 2019).

3.2 Juventude e Vulnerabilidade

A juventude, para além de uma etapa biológica, deve ser compreendida como uma construção histórica e social atravessada por marcadores de classe e raça. No Brasil, essa experiência é profundamente heterogênea: enquanto para uns a juventude é um tempo de moratória e escolhas, para o jovem periférico ela é marcada pela urgência da sobrevivência e pelo enfrentamento precoce de barreiras institucionais (Ribeiro, 2017). Besen e Ansara (2021) discutem que a violência estrutural presente nas periferias brasileiras ultrapassa manifestações físicas ou institucionais, produzindo impactos profundos nos modos de existir e no processo de subjetivação dos sujeitos. As autoras apontam que processos históricos de exclusão, desigualdade social e marginalização afetam diretamente a saúde mental e as formas de reconhecimento social das juventudes periféricas, o que gera sentimentos de medo, insegurança, silenciamento e desvalorização da própria existência.

Nesse cenário de vulnerabilidade, a desigualdade não é apenas material, mas impacta diretamente a saúde mental do jovem. Na música "Evolui (Bem-Aventurados)", sintetiza-se essa tensão nos seguintes versos: "Mas o sistema é assim mesmo, sistema social escroto / Somado a um frágil sistema nervoso / Conflitos de valores podem deixar qualquer um louco [...]" (OQuadro, 2012, faixa 2). Sob a ótica da Psicologia Social, esse trecho ilustra como a pressão estrutural da sociedade (o "sistema social") gera um sofrimento ético-político, que atinge a dimensão biológica e psíquica do indivíduo. A vulnerabilidade, aqui, é apresentada como um "tiroteio" de devaneios e medos que atinge os sonhos do jovem, dificultando a construção de uma identidade estável.

Segundo Lane e Codo (2004), o território ocupa papel fundamental na

construção dessas identidades, uma vez que a experiência periférica não se limita a um espaço geográfico, mas envolve dimensões simbólicas, afetivas e políticas. A periferia, frequentemente associada ao estigma e à marginalização, também se constitui como espaço de produção cultural, de resistência e de pertencimento. Nesse ambiente, os jovens elaboram formas próprias de existir e se reconhecer, tensionando as narrativas hegemônicas que historicamente os invisibilizam.

Ainda na música "Evolui (Bem-Aventurados)", é possível evidenciar que a evolução é uma consequência da autorrevolução. Para o jovem que vive em contextos de exclusão, o fortalecimento das raízes e do conhecimento torna-se a principal estratégia de sobrevivência, conforme se evidencia nos versos finais: "Minhas raízes não me prendem, me dão sustentáculo / Cordão umbilical que alimenta meus tentáculos / Um ponta-de-lança descendente africano / Brasileiro, nordestino, sul baiano [...]" (OQuadro, 2013, faixa 2). Nessa passagem, a voz lírica reforça a importância do território e da ancestralidade como bases de sustentação.

Nos versos sublinhados anteriormente, as raízes reforçam a função que a elas foi atribuída: a de sustentar. Ao mesmo tempo em que são referenciadas como a base de vozes que buscam libertar-se dos contextos excludentes, ganham - por meio da estratégia discursiva característica do universo estético - a imagem metafórica do cordão umbilical que nutre os tentáculos prontos para a revolução. Essa imagem ganha mais intensidade quando o verso "Brasileiro, nordestino, sul baiano" (OQuadro, 2013, faixa 2), por meio do recurso poético da gradação descendente, volta o olhar para a valorização do território que parte da estrutura macro, ou seja, nacional, passando pela regional, evidenciando o ser nordestino, até fechar na estrutura local, isto é, sul da Bahia, referência, sobretudo, à cidade de Ilhéus, lugar onde nasce a banda de rap OQuadro.

Diversos estudos têm evidenciado que o rap contribui para o fortalecimento da identidade de jovens em situação de vulnerabilidade, funcionando como um espaço de elaboração simbólica e coletiva. Nessa perspectiva, Alves, Oliveira e Chaves (2016) apontam que as práticas do Hip-Hop favorecem a conscientização e o engajamento social, promovendo o sentimento de pertencimento e a valorização da identidade periférica. Sob a ótica da Psicologia Social e Comunitária, pode-se compreender o rap como um instrumento terapêutico e político, capaz de favorecer a expressão emocional, a ressignificação de traumas e a construção de sentidos frente à exclusão (Santos et al., 2020). Nesse sentido, as letras e performances operam

como estratégias de enfrentamento diante da violência estrutural, configurando-se como formas de resistência e autoafirmação.

As letras desse gênero funcionam como narrativas identitárias, nas quais jovens reconstroem o próprio lugar social, afirmando-se frente à exclusão. Em "Asas", de OQuadro, essa dimensão se expressa na construção de uma subjetividade atravessada por limites sociais, mas também por desejos de superação e liberdade. Nos versos "E o sol virá depois que as tempestades acalmaram / atravessar o Rio Vermelho e o mar em multidão / abre as asas sobre nós [...]" (OQuadro, 2012, faixa 2), evidencia-se uma esperança coletiva que emerge mesmo em meio às adversidades, articulando resistência, pertencimento e a busca por transformação social. A metáfora das "asas" simboliza não apenas liberdade individual, mas também a possibilidade de romper com condições históricas de marginalização, produzindo novos modos de existir e de se reconhecer no mundo.

A vulnerabilidade social impõe ao jovem um estado de alerta constante que impacta sua saúde mental, tema central na canção "AmarElo". Ao promover a rima nos versos "[...] presença aérea / onde a última tendência é depressão com aparência de férias [...]" (Emicida, 2019, faixa 10), a voz lírica denuncia a precariedade do cuidado psíquico e a pressão social por uma felicidade superficial. No entanto, evoca a necessidade de autonomia sobre a própria história ao dizer: "Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes / Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes [...]" (Emicida, 2019, faixa 10). Sob a perspectiva de Ciampa (2005), essa fala representa a recusa da "identidade cristalizada" no trauma, buscando uma "metamorfose" na qual o sujeito não é resumido às suas feridas ou às mazelas impostas pelo algoz.

A música, mais do que entretenimento, configura-se como uma linguagem política e afetiva, funcionando como espaço de elaboração simbólica e reconstrução do self. Pedroso et al. (2024) destacam que as experiências musicais desempenham papel significativo na construção da identidade juvenil, especialmente entre jovens inseridos em contextos marcados por vulnerabilidades sociais. Segundo os autores, a música possibilita a expressão de emoções, memórias e conflitos vivenciados no cotidiano, favorecendo processos de identificação, pertencimento e reconhecimento coletivo. Nesse sentido, as narrativas presentes no rap contribuem para que jovens periféricos elaborem suas experiências sociais e subjetivas, produzindo sentidos sobre si mesmos e sobre o território ao qual pertencem.

Em "AmarElo", o trecho "[...] ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro

[...]” (Emicida, 2019, faixa 10) que, por meio da estratégia da intertextualidade, uma vez que dialoga com a canção “Sujeito De Sorte”, de Belchior, expressa simbolicamente os impactos do sofrimento psicossocial vivenciado por jovens submetidos a contextos de exclusão e violência estrutural. Ao mesmo tempo, a narrativa evidencia movimentos de resistência e permanência, demonstrando como o rap possibilita a elaboração simbólica da dor e a reconstrução de sentidos sobre a própria existência.

3.3 O Rap como Espaço de Resistência e Subjetivação

As narrativas musicais, enquanto expressão do movimento Hip-Hop, surgem como uma forma de resistência cultural e política, articulando discursos de denúncia, identidade e pertencimento. Originado nas periferias urbanas dos Estados Unidos, o rap encontrou, no Brasil, um solo fértil nas comunidades marginalizadas, transformando-se em um canal de expressão das experiências periféricas (Alves; Oliveira; Chaves, 2016).

Segundo Mário Jesus Filho (2022), as produções culturais assumem papel central na construção identitária, especialmente entre jovens em contextos de fragilidade social. O rap, enquanto linguagem artística e política, possibilita a elaboração simbólica das experiências vividas, funcionando como espaço de reconhecimento e expressão subjetiva. Por meio de suas narrativas, os sujeitos não apenas relatam suas vivências, mas também ressignificam suas trajetórias, produzindo sentidos sobre si mesmos e sobre o coletivo ao qual pertencem. Essa função do rap dialoga com a "pedagogia da conscientização" de Paulo Freire (2005), na qual o ato de "ler o mundo" precede o ato de "ler a palavra", e o microfone torna-se um instrumento de alfabetização política, permitindo que o sujeito saia de uma consciência ingênua e passiva para uma consciência crítica, capaz de denunciar as estruturas de opressão que atravessam seu cotidiano.

Na cultura Hip-Hop, a atitude de contestação torna-se uma importante ferramenta de denúncia social e fortalecimento identitário, sobretudo para jovens periféricos historicamente atravessados por processos de exclusão e invisibilidade. Na música “A Rua É Nós”, de Emicida, especialmente nos versos “A rua é nós e nunca vai deixar de ser / Não busco brilho, eu deixo a lua brilhar [...]” (Emicida, 2013, faixa 10), observa-se a construção de um sentimento de pertencimento coletivo, no qual o território

periférico deixa de ser apenas espaço de marginalização e passa a constituir também lugar de identidade, reconhecimento e sobrevivência. Dessa forma, o rap opera como narrativa que legitima experiências frequentemente silenciadas pelos discursos sociais hegemônicos.

Na música "Evolui (Bem-Aventurados)", do grupo OQuadro, essa dimensão fica clara nos versos: "Mundo resumido, indivíduos portando controles / Possuídos por motores / Atores, mágicos, ilusionistas / E o caos prossegue à mística / [...] Há um controle remoto em sua vida / Acorde, desligue [...]" (OQuadro, 2012, faixa 2). Aqui, percebe-se o discurso musical atua como um dispositivo de promove o despertar da consciência, em que o convite para "desligar o controle remoto" sugere o início de um processo de subjetivação ativa, no qual o jovem é incentivado a retomar as rédeas de sua própria vida e pensamento, desafiando a lógica de consumo e exploração que o sistema impõe.

Dessa forma, o sentimento de pertencimento cultural e ancestral atua como pilar na formação identitária. Ainda na mesma canção, o trecho "[...] minhas raízes não me prendem, me dão sustentáculo [...]" demonstra que as origens culturais e territoriais não aparecem como limitação, mas como fonte de fortalecimento e, ao se definir como "[...] descendente africano, brasileiro, nordestino, sul baiano [...]", o sujeito reafirma uma identidade construída a partir da memória coletiva e da ancestralidade. A subjetivação ocorre por meio do que Ciampa (2005) denomina como o movimento de "vir-a-ser". Ao narrar suas vivências, o artista realiza uma metamorfose identitária, rompendo com a identidade "prescrita" pela sociedade para anunciar uma identidade "autoral". Esse movimento é uma resposta direta ao sofrimento ético-político discutido por Sawaia (2001), no qual a dor da exclusão é transformada em discurso de resistência.

A música "AmarElo", de Emicida, aprofunda essa discussão sobre a ressignificação do trauma e a autonomia do self: "Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes / Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes / Que nem devia tá aqui / [...] Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes" (Emicida, 2019, faixa 10). Nesse ponto, é observada a reconstrução da subjetividade que se recusa a ser reduzida à dor, bem como é evidenciado o direito de falar para além das cicatrizes o qual representa a busca por uma vivência plena, na qual a trajetória de vulnerabilidade é reconhecida, mas não é o ponto final da identidade do sujeito.

Na perspectiva da Psicologia Social e Comunitária, a subjetividade é construída nas

relações sociais, e as práticas culturais podem atuar como instrumentos de emancipação e fortalecimento do eu coletivo (Santos et al., 2020). Nesse cenário, o rap não deve ser compreendido apenas como expressão artística, mas como um campo de disputa simbólica, no qual diferentes narrativas sobre identidade, território e pertencimento são produzidas e tensionadas. Ao dar visibilidade às experiências periféricas, o rap contribui para a construção de novas formas de reconhecimento social, ao mesmo tempo em que desafia discursos estigmatizantes e excludentes (Jesus Filho, 2022). Compreender o papel desse gênero musical no processo significa reconhecer a potência transformadora das práticas simbólicas que emergem das margens, nas quais a rima se torna um dispositivo de cuidado, política e vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente ensaio permitiu analisar como o rap, enquanto manifestação cultural e política, apresenta-se como um potente dispositivo de subjetivação e resistência para jovens em contextos de vulnerabilidade social. Partindo da análise das letras de Emicida e da banda OQuadro, confirmou-se a hipótese de que a rima e o ritmo operam como ferramentas de mediação simbólica, possibilitando que o jovem ressignifique traumas e construa um sentimento de pertencimento coletivo que desafia os estigmas impostos pela sociedade.

Os resultados demonstram que a identidade não deve ser vista como elemento estático, mas como uma metamorfose contínua. Dessa forma, observou-se que as narrativas do rap permitem a transição de uma "identidade prescrita" pela exclusão para uma "identidade autoral", em que o sujeito retoma a autoria de sua própria história. Há de se destacar, ainda, que as canções analisadas, como "AmarElo" e "Evolui", evidenciaram que o reconhecimento da ancestralidade e do território periférico não são amarras, mas sim o "sustentáculo" que permite ao jovem enfrentar o sofrimento ético-político e a violência estrutural.

A relevância deste estudo para a Psicologia reside na compreensão do Rap como instrumento que transcende o entretenimento, configurando-se como uma práxis política e um campo de cuidado com a saúde mental. O movimento Hip-Hop oferece, pois, "espelhos sociais" que fortalecem a agência do indivíduo, transformando a dor da marginalização em discurso de emancipação. Ressalta-se que, embora se tenha focado em uma análise analítico-interpretativa de letras específicas, o tema

possui vasta abrangência. Sugere-se que pesquisas futuras possam incluir metodologias de campo, como entrevistas ou grupos focais com jovens ouvintes, para investigar como essas negociações simbólicas são assimiladas no cotidiano e como a Psicologia pode integrar cada vez mais essas manifestações culturais em práticas de intervenção comunitária e clínica social.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. I. G.; OLIVEIRA, I. F.; CHAVES, A. M. **O hip hop como estratégia de fortalecimento da identidade de jovens em situação de vulnerabilidade social.** *Psico*, Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 55-64, 2016.

ALVES, Heliana Castro; OLIVEIRA, Natasha Pompeu de; CHAVES, Aline Dessupoio. **“A gente quer mostrar nossa cara, mano”: hip hop na construção de identidade, conscientização e participação social de jovens em situação de vulnerabilidade social.** *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 24, n. 1, p. 39-52, 2016.

AMARELO (feat. Majur e Pablo Vittar). Intérprete: Emicida. Participação de Majur e Pablo Vittar. Disponível em: Letras.mus.br

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BESEN, B. O.; ANSARA, S. **Violência estrutural e marcas ditatoriais: análise psicossocial a partir de narrativas periféricas.** *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 1–16, 2021.

BESEN, B. O.; ANSARA, S. Violência estrutural e marcas ditatoriais: análise psicossocial a partir de narrativas periféricas. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 1–16, 2021. Disponível em: http://seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/e3909.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia.** 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

CIAMPA, Antonio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de Psicologia Social.** 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DUTRA, Juliana Noronha. **Rap e identidade cultural.** In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA (ANPPOM), 16., 2006, Brasília. *Anais [...]*. Brasília: ANPPOM, 2006.

ERIKSON, Erik H. **Identidade, juventude e crise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

EVOLUI (Bem-aventurados). Intérprete: OQuadro. Disponível em: Letras.mus.br

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

JESUS FILHO, Mário Moreira de. **Um breve panorama sobre o hip hop e o rap: as letras de Racionais MC's e Emicida como fator de transformação social.** 2022. Artigo científico — Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2022. Disponível em: Repositório UNILAB..

LANE, Silvia T. M.; CODO, Wanderley (org.). **Psicologia social: o homem em movimento.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

LEVANTA E ANDA. Intérprete: Emicida. Participação de Rael. Disponível em: Letras.mus.br

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

OQuadro. **Asas.** In: Nêgo Roque. Ilhéus: Independente, 2017.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin; MARTORELL, Gabriela. **Desenvolvimento humano.** 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PEDROSO, Ana et al. **Explorando a influência da música na construção da identidade juvenil no Vale do Ribeira.** *Revista Tópicos*, v. 2, n. 14, 2024. ISSN 2965-6672.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017. (Série Feminismos Plurais).

SANTOS, A. C. S. et al. **Possibilidades e potencialidades do rap para a construção da identidade juvenil em contextos de vulnerabilidade social.** *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 1-12, 2020.

SANTOS, A. C. S. et al. **O Rap como instrumento terapêutico e político na Psicologia Social Comunitária.** *Revista Brasileira de Psicologia Social*, v. 10, n. 2, 2020.

SAWAIA, Bader (org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.